

JOÃO PAULO DA SILVA

Crônicas  
do cotidiano:  
o outro **em mim**

**Crônicas do cotidiano:**  
*o outro em mim*

João Paulo da Silva

Este livro foi produzido como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

*orientação:*  
Marta Maia

*projeto gráfico e capa:*  
Elias Fernandes

Mariana  
2021

*Dedico este livro a todos e todas que ousaram correr atrás de seus sonhos, ainda que alguns dissessem que já era tarde demais. Àqueles que de algum modo sempre se sentiram inadequados, mas com seus corações repletos de rebeldia. Aos que, às vezes ou sempre, ficavam sozinhos na hora do recreio por serem diferentes. Aos que passavam os longos fins de semana sozinhos acalentados por histórias e por canções, tentando encontrar nessas expressões artísticas pelo menos um fragmento do que eram. Dedico a todos os párias de todas as ordens que nunca tiveram medo de ousar e aceitaram para si o grande desafio - que também consiste em um direito sagrado - de querer e poder ser a si mesmos.*

*“Eu antes tinha querido ser os outros  
para conhecer o que não era eu. Entendi então  
que eu já tinha sido os outros e isso era fácil.  
Minha experiência maior seria ser o outro  
dos outros: e o outro dos outros era eu.”  
(Clarice Lispector)*

# Sumário

Prefácio **10**

Apresentação **14**

Carta escrita em Mariana e que nunca será enviada a você **18**

Caminhante noturno **28**

Vizinhas **34**

O meu dia chegou\* **42**

Na academia de ginástica **48**

O homem mais solitário da cidade ou sobre vícios de linguagem\* **54**

Chuva e ternura **60**

Que atire o primeiro smartphone **66**

O canto da sereia **72**

Silêncio **78**

Crônica de um perfil: a menina que mudou a minha vida (e a de muitos outros) **84**

“Bunda de mulata, muque de peão” **98**

A onda vermelha que atinge Antônio Pereira e todos nós **110**

Paraísos artificiais **116**

# Prefácio

Nessa minha longa trajetória como professora, afinal são mais de 30 anos, acompanhei o processo de criação e produção textual de inúmeros estudantes. Devo reconhecer que este livro de crônicas é um dos mais prazerosos que já orientei, visto que o autor, João Paulo da Silva, tem o poder de transformar fatos corriqueiros em histórias tão envolventes que fica difícil parar de ler.

João não se deixa levar pelas inúmeras limitações cotidianas que a vida nos apresenta. Suas palavras - fortes, desconcertantes - chegam derrubando muros, destroçando convicções, traduzindo sentimentos que nos afligem cotidianamente. Assim, concordo com George Mead quando ele diz que não existe organismo vivo que consiga viver em completo isolamento de outros corpos vivos, visto que as histórias que João conta nesse livro são também nossas histórias. Parafraseando Mead, posso dizer que o “eu” convoca o “mim” e lhe responde. Nesse processo dialógico somos fisgados pela tessitura do texto.

A crônica, gênero de fronteira, assume-se como texto híbrido, que tanto pode narrar sobre a dificuldade de se lidar com a presença an-

tiestética do copo de requeijão em nossa casa, como magistralmente nos conta o cronista Humberto Werneck, como dizer sobre as dores do mundo, uma escrita de tirar “sangue com as unhas”, como nos adverte Caio Fernando Abreu. Ela transcende o real, como já escreveu o jornalista e escritor José Castello: “A crônica se tornou o lugar da experiência, um laboratório; o espaço sem forma, para o qual os velhos gêneros confluem, já sôfregos, já deformados por um século inteiro de agonia e suspeitas”.

A crônica diz muito sobre o presente, mas também nos faz lembrar do passado, nem que seja por uma espécie de acerto de contas, afinal, como a própria psicanálise preconiza, traumas do passado podem ter um efeito curativo no presente. Quando nos voltamos para essas histórias temos a oportunidade de recuperar o tempo perdido, mesmo que fugidamente, como tão bem nos mostrou Marcel Proust, ao dizer que “se a arte é longa e breve a vida, pode-se também dizer, ao contrário, que, se é curta a inspiração, muito mais longos não são os sentimentos a exprimir”.

E João consegue, apesar de tudo. Caminhamos com ele pelas inóspitas vielas da histórica Mariana, pelos tempos trágicos dessa pandemia que insiste em nos acompanhar, pelas vidas de pessoas que seguem perseverando a despeito do preconceito e do ódio dos reacionários, desse desamor enalacrado nas pessoas, na indiferença dos tempos atuais... mas nos deparamos, igualmente, em filigranas tecidas pelas mãos delicadas de um artista que mesmo não se reconhecendo como tal, consegue nos conduzir para outros lugares, para outras esferas de nós mesmos. Sabemos que as palavras não são suficientes para mudar o mundo, mas é preciso admitir, por outro lado, o aspecto acional da linguagem.

A vida pede mais transgressão e menos obediência. Mais incerteza e menos exatidão. Nesse sentido, o livro que você tem pela frente é resultado de muitos atravessamentos, de muita angústia, de muitas tentativas, de muitas desistências, de muitos silenciamentos, mas é, sobretudo, resultado de intensa verve criativa de seu autor. Espero, sinceramente, que seja o primeiro de muitos outros.

*Marta Maia*

# Apresentação

Quem nunca se encarou na frente de um espelho e se questionou – “Isso é ser uma pessoa ou isso é ser um monstro”? A etimologia da palavra “monstro” tem origem no latim *monstrare* (*monstrāre*) e significa “fazer aparecer”, “por em local de destaque”, “expor”. Nesse pavilhão de espelhos que é a vida, muitas vezes escondemos o que consideramos ser o pior de nós mesmos e tentamos refletir apenas as nossas virtudes. Mas, às vezes, descobrimos que os nossos “defeitos” são uma espécie de estrutura que sustenta o nosso prédio inteiro. Eu me interessou por esses pilares de sustentação que muitas vezes não são vistos com bons olhos pela sociedade que em geral costuma cultuar a impostura em vez da autenticidade.

Despudorado, irônico, às vezes seco e com uma aura de literatura maldita, de onde muito bebi, “Crônicas do Cotidiano: o outro em mim”, busca mergulhar numa espécie de “não-dito”, se embrenhar no tabu, escarafunchar aquele espaço sutil entre as agonias e as aleluias de ser humano. No tosco do cotidiano busca-se o tempo todo uma espécie de revelação, de sentido, de voz em meio a um silêncio ensurdecedor.

Certamente, você já leu um livro esperando ser inundado com imagens e aventuras e ele simplesmente não disse nada a você. Ou pode ter acontecido de você reler um livro que de repente passou a fazer um sentido que antes você não havia encontrado. Eu acredito que quando lemos um livro, ouvimos uma música ou assistimos a um filme, levamos parte do que vivenciamos para qualquer uma dessas artes.

Por isso, o que eu espero nesse livro de crônicas é que o leitor se dê a chance de ser tocado por esses relatos breves, esses instantâneos do dia a dia, porque voltando a falar de espelhos, eu tentei em cada uma delas me aproximar do mais secreto de mim mesmo, às vezes camuflado no banal, para encontrar no outro um fragmento de mim mesmo. É nesse sentido que o livro tem muito de mim, ao mesmo tempo em que busca quase que desesperadamente alcançar o outro.

Sem se esquecer também que ele foi escrito num contexto bastante difícil no qual eu enfrentava problemas reais gravíssimos: uma imensurável solidão devido à pandemia do novo coronavírus, um ataque homofóbico e

uma ameaça de morte vindo de um membro de minha própria família que me fez parar no hospital, sem falar o quanto tem sido difícil estar sozinho neste quarto esse tempo todo. Muitas vezes eu cheguei a considerar a minha própria vida insuportável, mas resisti. Se não fosse a mão sempre estendida, ainda que simbolicamente, pela minha orientadora, a professora Marta Maia, tudo seria bem mais difícil.

Tudo que citei acima teve forte influência no resultado final desse projeto, para o bem ou para o mal. Eu estaria sendo desonesto comigo mesmo se deixasse de citá-los. Sou daqueles que concorda com alguns pesquisadores ao afirmarem que muitas vezes os autores e autoras não escrevem os seus livros, mas são escritos por eles. Como eu digo no memorial do “Crônicas do Cotidiano: o outro em mim”, às vezes esse livro sugere um acerto de contas, com o passado, comigo mesmo, mas o seu maior valor reside em tentar uma comunicação direta com o outro, o outro que se mostra ou se oculta, o outro que de certa forma também é parte de mim.

# 1. Carta escrita em Mariana e que nunca será enviada a você

Você já se imaginou morando sozinho num impessoal quarto de pensão por um longo e arrastado período de tempo? Numa espécie de exílio autoimposto? Se isso não lhe estimula ou causa o mínimo de curiosidade, pergunto diferente: já se imaginou vivendo na primeira cidade projetada em Minas Gerais? Não importa se você é daqueles que gostam de se divertir ou não. Certamente, você não vai encontrar muito o que fazer em Mariana. A não ser contemplar o que para alguns podem ser considerados bons exemplos da arquitetura colonial portuguesa, da arte barroca e de quebra, é claro, de um opressor catolicismo que ao longo dos séculos também perdeu a sua força, embora tenha deixado a sua mancha ao legitimar crimes brutais. De qualquer forma, eu suponho que você não terá muito o que fazer nessa cidade histórica no sentido de matar o tempo e correr do tédio que sufoca e se espalha feito ferrugem sobre nossas horas subtraídas em, às vezes lentos, às vezes rápidos tique-taques. Se em Mariana jamais houve espaço para o “Carpe diem”, imagine

agora em tempos de pandemia de Covid-19.

Se antes do isolamento eu já não era a pessoa mais sociável, querida e popular no meu curso de jornalismo, um dos meus poucos contatos com o mundo real, imagine agora, com os limites impostos pelas autoridades de saúde objetivando barrar a disseminação de um vírus mortal. Se outrora ainda havia os apertos de mãos, mesmo aqueles suados e escorregadios de quem tem pressa de ir (para onde?), imagine agora que eles foram trocados por duras cotoveladas frias. Noutros tempos, mesmo com a distração que me é tão peculiar, eu ainda era capaz de constatar uma cara emburrada, fitar um semblante sofrido ou calcular alguma alegria espontânea tanto nos nascidos dessa rica e sofrida terra quanto nos forasteiros que já não chegam mais com tanta frequência. Agora, em razão das máscaras de proteção facial, tive que aprender a descobrir o sorriso, a tristeza e o cansaço estampados nos olhos dos outros. E os sentimentos estão concentrados em alguns lugares específicos: nos pequenos restaurantes onde se serve a comida fria, nas lojinhas

de lembranças para turistas, nas vendinhas de quitandas muito parecidas com as antigas bodegas, naqueles que transitam por entre as ruas de pedras escorregadias e desniveladas...

Se uma coisa eu tenho aprendido em Mariana nessa quarentena interminável é que tão mortal quanto o vírus é a solidão que mata aos poucos. E também a lidar com essa sensação permanente de não pertencimento, essa inadequação para as coisas que em outras pessoas seriam tão naturais: passear com cachorros, tomar um pingado no botequim da esquina, conversar com o vendedor de livros usados na praça. Mesmo que eu queira – e acredite quando eu disser que quero muito – nada disso é mais possível. Existem os protocolos perante os riscos do inimigo invisível que surgiu lá no começo de 2020, um ano que ainda não acabou e nem foi superado por mim e, acredito, nem por você que também jamais esteve tão calado.

Não importa quantos anos ela acumule, a impressão que eu tenho é a de que Mariana continua com a sua mesma moldura gasta e

dourada. É bom que fique claro, quando digo Mariana, estou sempre me referindo ao centro histórico, onde vivo. Veja só que irônico - logo eu, tão acostumado em viver “à beira de”. Se há alguma coisa que o novo coronavírus não conseguiu arrancar da cidade de 325 anos foi a sua notável aura bucólica, evidente sobretudo para quem caminha pelos lados da rua Frei Durão. Enquanto na vizinha Ouro Preto tudo é imponente, suspenso, dourado e até meio sombrio, Mariana é movida por uma força sutil e campestre que apascenta com calma as suas ovelhas, mas não se engane...

Quem chega apressado a Mariana e posa para fotos na Praça Gomes Freire, na Catedral da Sé ou na Praça Minas Gerais, pode não perceber assim como eu percebo que Mariana é uma cidade triste. Mariana é triste e cinza como eu. Talvez seja por isso que nunca nos demos bem. Jamais entramos num acordo. Eu com meu hermetismo de fachada, ela sempre escondendo alguma coisa: um mar de lama invisível e ao mesmo tempo onipresente que não termina nunca; maus poetas, falsos

artistas, palhaços sem graça, mãos sangrentas e invisíveis que construíram o belo sob a dor da chibata, o racismo que só mudou de época, mas ainda maltrata, segrega, julga, incrimina, mata. Mariana parece não ter aprendido que não se pode chover o tempo todo. Mariana não acolhe o moderno, o diferente, a vanguarda, pois está estagnada no tempo. Para ela tanto faz se estamos no século XVIII ou no começo do terceiro milênio. Não há espaço para sustos e surpresas em Mariana, com ela não há meio termo - ou se faz chuva, ou se faz sol. Nunca vi um arco-íris em Mariana. Ela que coloca em risco até a nossa capacidade de se expressar por meio de palavras porque a tudo congela. Em Mariana já se nasce datado. Parece que aqui tudo já é história e nada mais precisa ser contado. Mariana tem a força dos oprimidos, uma angústia abafada, guardada, reprimida.

Cheguei a Mariana em 2016. Foi um período de mudanças radicais ou singelas, de perdas grandes e pequenas. Deixar para trás a praia, a bela e Santa Catarina, um emprego que já não

me satisfazia, o grande amor da minha vida, a carreira de publicitário que por pouco levantou voo, mas caiu sem graça no chão. Tudo em busca de um sonho. Um sonho de adolescente imaturo, em uma cidade provinciana que esqueceram de interditar. Alguns me chamaram de louco. “Onde já se viu, outra faculdade? E depois dos 30?”. Mas eu não me importei. Eu nunca me importo! Sonhos não envelhecem, cantou Bituca. Foram e ainda continuam sendo tempos de incertezas, muitas incertezas, multiplicadas à terceira potência depois desse maldito vírus. Dúvidas que me acompanham do café da manhã até a sopa da madrugada. O encontro com alguns seres especiais, espaciais infelizmente, (ainda) nenhum. Solidão, miserê, decepções, desencontros. Como as coisas desmoronam facilmente! Mas também alguma amizade e afeição. A praia e a serra. O moderno e o antigo. O aconchego e o desassossego. Eu e meu mundo bipolar...

Meu médico, com quem me trato há mais de quatro anos me diz que eu sou o seu “herói”. Finjo que acredito e continuo tentando

em Mariana. Sertralinas, clonazepans, diazepamans, todas essas drogas que te deixam apático. Ou te impedem de morrer. Ou te matam lentamente. Amanhã é sempre dia de renascer em Mariana. Eu sou teimoso e broto no chão, no meio do limo. Que venha mais um dia em Mariana. Mesmo sabendo que não estou pronto. A gente nunca está. A gente só teima e tenta agarrar o futuro com as mãos...

Sinto saudade dos solavancos agressivos da cidade grande. Quero mais pistas asfaltadas e menos travessas e vielas. Desejo o neon, os outdoors espalhados aos quatro cantos ao invés das tristes e envergonhadas igrejas barrocas. Porque Mariana surrupiou a minha força vital, me deixou desvitalizado, atrasou os meus planos. Não consigo olhar para Mariana sem que instantaneamente o meu corpo se cubra de lepra. Mas se há algo que Mariana fez de bom para mim foi ter me jogado na cara o mais secreto de mim mesmo, me obrigando a percorrer sozinho as minhas cavernas mais fundas e escuras.

Uma vez conversando com um dos meus

poucos amigos da faculdade, reclamei que me sentia aprisionado em Mariana, fazendo referência ao vale que estamos situados, repleto de montanhas por todos os lados. Mas por que você não se sente protegido ao invés de preso? - Replicou o amigo. Sim, talvez ele esteja certo e tudo seja apenas um ponto de vista muito particular, um modo de ver as coisas. Sinto saudade dos meus amigos que foram embora de Mariana. Nessa fase, muitos concluíram disciplinas remotamente e se formaram. Talvez as pessoas que entram e saem com tanta facilidade da minha vida sejam como barcos e eu deva aprender com elas que se nos recusarmos a abrir as nossas velas, o vento do destino não nos levará a lugar nenhum.

*Mariana, 02 de novembro de 2021*

# 2. Caminhante noturno

Noite fresca. Quintais do mundo moderno. Lua Cheia. O homem caminhava lentamente pela Avenida Juscelino Kubitschek, ladeada por árvores secas que há instantes ainda eram floridos ipês. Seguia com as mãos nos bolsos, a cabeça baixa como se quisesse encostar o queixo no peito ou descobrir as cores das pétalas murchas, caídas, mortas no chão.

Parecia não sentir a brisa leve de depois do jantar naquele começo de Primavera, nem a lua luminosa refletindo no Lago dos Encantos. Encabulado, sem olhar para os lados, parecia triste. Melhor, parecia alheio a tudo o que existia à sua volta. Como se não quisesse ver ninguém ou como se não devesse nada a ninguém. Não sei se meditava, pensava ou contemplava alguma coisa. Eram ele, seus pensamentos e seu Deus, se é que ele acreditava em algum.

Caminhava com passos de zumbi ou como se seus pés não pudessem tocar o chão, flutuava pela larga avenida que há tempos perdera sua elegância e se tornara um lugar

decadente onde se vendia de tudo: de óculos nigerianos a corpos tristes e também sonâmbulos de prostitutas que ao amanhecer iam dormir com o estômago roncando em um país que recentemente voltara ao mapa da fome.

Da minha janela indiscreta, era eu quem acompanhava o caminhante noturno de passos pesados como se carregasse correntes. E por isso não pude deixar de refletir sobre a fugacidade da vida. Por um instante, assim como se eu tivesse do alto de algum monte ganhado uma revelação, percebi que tudo está em contínuo movimento, queiramos ou não.

Atentos a esses flashes do olhar que são as passagens da vida, alguns ousam se reinventar e dar de ombros para as regras e convenções que lhes atam as mãos. Outros, os mais corajosos, destroem tudo o que foram – uma casa, um rosto, um emprego, um sobrenome, não importa - só para construir novamente depois, com os próprios termos. Embora lento, aquele homem estava em

movimento e em alguns instantes seria apenas um espectro em meu pensamento.

Quando falo da fugacidade é lamentando o fato de que nunca teria a oportunidade de conhecer aquele homem. Ele não estaria disponível nas minhas redes sociais. As suas lutas, dores e ideologias não poderiam ser baixadas em um mero aplicativo de celular. No sentido mais amplo da palavra, ele seria inacessível para mim. Minha boca jamais pronunciaria o seu verdadeiro nome.

Um homem da pele pálida, nariz grande, barba por fazer. Isso era apenas o que eu sabia dele, mas já o amava. O amava pois ele era tão anônimo quanto eu. E, envergonhado, também se escondia nas sombras. Era apenas enquanto todos sofriam as suas próprias quarentenas que ele ousava caminhar, existir, respirar e mascar o seu chiclete no escuro.

Seria o homem cabisbaixo vestido de preto um assassino em série ou um consumista atormentado pela falta da mãe? Um facínora calculista ou um anjo rebelde e incom-

preendido? Como que caminhando sobre as águas, ele jamais dividiria o seu segredo que, orgulhoso, eu acompanhava do alto de minha sacada.

Sim, eu tive vontade de ir até a rua, correr até ele, tocar o seu ombro e enfim constatar se ele sabia ou não que vivíamos tempos tristes, manchados pelo cinismo, o descaso, a doença, a morte e a fome. Se não o fiz foi porque temia perdê-lo de vista enquanto descesse as escadas de sobressalto, tamanha a minha embriaguez perante o anonimato. Pelo menos enquanto o acompanhava com olhos atentos de predador, podia preencher aquela folha em branco que era sua vida. E esse era um meio de me preencher a mim mesmo, olhando um rosto que não era meu.

Sobre um cenário desolador e distópico, o homem seguia sem máscara e, talvez, sequer soubesse da existência (ou seria não existência?) dos mais de 600 mil brasileiros inclusos na lista dos que perderam a batalha contra um inimigo invisível. O próximo a aumentar a calda da estatística poderia ser eu, po-

deria ser ele. Mas nenhum de nós dois se importava com a morte iminente que acosava nossos dias, horas e minutos. Enquanto ele caminhava, eu olhava. Parecia ser apenas esse o nosso papel em um mundo fragilizado por uma ameaça invisível. Tão invisível quanto nós naquela noite enluarada.

# 3. Vizinhas

Seja nas novelas, nos filmes, no teatro, na música e, claro, na literatura, o tema “relação de amor e ódio entre vizinhos” jamais será explorado completamente. O próprio cotidiano de paredes coladas, folgas esporádicas e, mais recentemente, do home office, serão responsáveis para que o mote não se esgote de vez. O fato é que nas periferias, nos quartos de pensão, nos edifícios centrais e até nos bairros de classe média, pode ser que aconteça uma recepção calorosa, uma xícara de açúcar emprestada, convites para aniversários ou cafés e, claro, as tradicionais guloseimas trocadas sobre os muros. Lógico, haverá também as janelas indiscretas, as orelhas aguçadas e quentes coladas na parede, olhos onipresentes e línguas ferinas, o que, por fim, pode resultar em verdadeiros barracos até chegar ao clímax dos boletins de ocorrência ou dos programas do tipo “Casos de Família”.

Como eu não quero ter que enfrentar nenhum problema relacionado a crimes relacionados a honra, calúnia ou difamação, já

que não teria recursos para indenizar nenhuma vítima, contarei apenas “o milagre, jamais o santo”. Para isso, devo usar a velha expressão “estou apenas comentando”, a mais comum entre os fofoqueiros que não assumem essa bela arte de se interessar pelo cotidiano alheio. Seriam jornalistas fofoqueiros em potencial? Uma vez, perguntado pela minha falecida avó sobre a minha profissão, eu disse a ela que seria jornalista, melhor dizendo, sonhava em ser repórter. “Credo, você vai ser fofoqueiro? ”, engoli a seco a provocação da centenária que durante o dia assistia programas de Leão Lobo, Sônia Abrão, Nelson Rubens e tantos outros que, com suas posturas muitas vezes irresponsáveis, mancham toda a credibilidade de meu futuro ofício perante à matriarca da família.

Chega de rodeios. Era uma manhã comum como a maioria das manhãs na cidade. Eu estava atolado de trabalho, como geralmente estou (álibi comum dos fofoqueiros), mas não pude deixar de acompanhar a conversa

das duas funcionárias de uma dessas empresas que prometem shakes milagrosos para emagrecimento. Elas jogaram tanta conversa fora que quase reclamei que tinha caído papo na minha prosa. Até que uma delas falou sobre um convite que recebera no dia anterior.

- Uma moça que conheci há alguns dias me chamou para tomar açaí.

- Sério? Que bacana, vai sim...

- Estou pensando, mas tem um problema...

- Que problema pode haver em um simples convite para tomar um açaí?

- É que o povo fala que ela é sapatão...

Nunca compreendi o motivo da indignação quanto à orientação sexual de alguém. Sim, você pode me dizer que isso não é normal, que é uma aberração, uma pouca vergonha, putaria e coisa e tal. Mas eu lhe pergunto: e daí? Qual o problema? Isso muda exatamente o que em uma pessoa? Se pensarmos bem, as relações homossexuais têm até uma tendência a dar mais certo. Mu-

lheres podem, por exemplo, escolher juntas as peças íntimas que as excitam, sabem por onde começar a procurar pelo ponto G, gostam de preliminares e nunca deixam o estoque de absorventes acabar. Alguns exemplos grotescos da fetichização da lesbiandade.

Mas e os homens? Eles podem tentar uma variedade maior de camisinhas, levar as roupas para a lavanderia de uma só vez, fazer a barba com o mesmo aparelho, ficar de porre sem sofrer censura e assistir juntos a corridas de Fórmula 1 e àqueles horríveis filmes de ação ou até mesmo àqueles intermináveis e angustiantes partidas de futebol. São clichês da masculinidade. Será que em ambos os casos eu estou sendo muito raso? Binário? Heteronormativo? E os bissexuais, as travestis, as transexuais?

Não discuto esses motivos e também não me importa a causa: se são os genes, como afirmam alguns cientistas ou os traumas da infância, como defendem os psiquiatras por meio de um mesmo pensamento retrógrado. É ridículo alguém ser impedido de se

expressar sexualmente por conta de alguma lei imaginária ou falsa lei moral dita por Sansão e Dalila, Romeu e Julieta, Jesus e Madalena ou Messias e Damares.

Mas e a heterossexualidade, como fica? Concordo que sem ela, talvez a humanidade seria extinta. Não existiriam mais os bebezinhos para os comerciais de fraldas e amaciantes e o conceito de família acabaria de vez (ah, quem dera se isso realmente acontecesse!). Mas sempre existirá, como sempre existiu, lugares assegurados para todas os “gostos” possíveis e imagináveis, até mesmo para aqueles que não são aceitos por você ou por mim.

No meu caso, não vejo com bons olhos curtir umas pancadas ou uma suruba. Mas nem por isso vou sair por aí dizendo que quem pratica o diferente precisa de tratamento psiquiátrico. Sempre haverá espaço para as mulheres que gostam de homens e vice-versa. Vice-versa que eu não compartilho do fundo do meu coração vermelho-laranja-amarelo-verde-turquesa-índigo-violeta.

Após esse longo parêntese, volto à con-

versa das duas amigas. Você certamente, assim como eu, já ouviu muitas fórmulas de sexualidade “sadia” ou arrotos de santidade tentando demonizar e culpar o que simplesmente não é entendido, porque nunca foi vivenciado. Somos todos diferentes uns dos outros e, portanto, nossas sexualidades só podem ser distintas. A liberdade sexual, vista assim, é a liberdade de sermos nós mesmos, experimentando muito ou pouco, encontrando calmamente nossas preferências baseados em nossas vontades. Sobre a perspectiva de um encontro casual que poderia resultar em um encontro sexual (ou não) que aos olhos de uma pessoa pareceu ameaçador e desagradável, a outra responde de forma elegante à possibilidade do encontro com a possível “sapatão”. De uma maneira que deixaria boquiaberto qualquer fofoqueiro de plantão: - Mas afinal, você gosta ou não de açai?

# 4. O meu dia chegou\*

Embora Mariana esteja localizada a pouquíssimos quilômetros de Ouro Preto, é sempre uma barra enfrentar isso que eu chamo de viagem diária. A minha dramaticidade latina e a minha forte inclinação em reclamar de tudo e de todos acentuam essas viagens. Ou seriam sagas?

Considero ônibus os lugares ideais para a introspecção e o silêncio. Definitivamente, não há lugar melhor para ser triste. Uma playlist adequada no celular, um livro de Oscar Wilde ou de José Saramago, as belas serras mineiras ladeando as janelas e aquela cara amassada de quem acabou de acordar. Essa seria a mistura perfeita para o meditativo itinerário “Primaz de Minas X Cidade Patrimônio da Humanidade”. Grande engano!

Sou o tipo de pessoa que só funciona por volta das dez e meia da manhã. Antes disso, eu simplesmente não existo. Funciono a passos lentos nas primeiras horas do dia. Preciso tomar banho, comer alguma coisa leve, tomar o café mais forte que possa ser coado, para só depois começar a tomar consciência de mim mesmo e do meu papel no mundo. Se é que eu

tenho algum, mas isso é outra história. Posso dizer também que não sou a pessoa mais meiga e animada do mundo antes desse horário.

Simplemente não entendo como algumas pessoas podem ser tão extrovertidas ao acordar. Geralmente, o que encontro no ônibus são ânimos tão exaltados que fariam inveja a qualquer micareta animada pela super feliz Ivete Sangalo. São conversas infinitas em celulares como assuntos profissionais, dicas para ajudantes do lar e recomendações aos filhos que acabaram de sair para a escola. Além, é claro, daquelas menos publicáveis. Sei que não posso impedir as pessoas de conversarem, mas poxa, não precisam falar como se estivessem usando um megafone.

Outro dia uma mulher, gorda e cheia de vitalidade, tomou a mesma condução que eu. Eram oito horas da manhã e acho que já tinha feito a feira. Carregada de sacolas de milhos, tomates e abacates, ela conversava com o motorista sentada no primeiro banco do ônibus, assim como se estivesse na sala de sua casa. Eu apenas olhava para a placa acima do condutor

que dizia “proibido conversar com o motorista”. Tentei me concentrar na música suave nos meus ouvidos, mas foi em vão. Não posso deixar de citar também aquela criança mimada que sempre vai aos berros (ainda não entendi o porquê) no colo da mãe. Bom, talvez ela seja como eu quando pequeno!

Só que em meio a todas essas posturas exócraveis no meu manual de como pegar um ônibus, aconteceu um fato que, ao mesmo tempo gentil e amável, serviu para mim como um rito de passagem.

Era uma sexta-feira. Eu havia acordado bastante atrasado para o trabalho. Quando finalmente consegui subir no coletivo, percebi que ele já estava lotado. Sim, eu teria que fazer todo aquele trajeto de curvas e vielas estreitíssimas de pé. Mas a vida tem um jeito engraçado de surpreender. Quando eu já considerava aquela viagem como uma verdadeira via-crúcis, ouço uma voz delicada e um leve toque na minha perna esquerda. “Senhor, sente-se aqui, por favor! ”. Eu não podia acreditar no que via e ouvia.

Será que foi a minha cara de pouquíssimos

amigos ou os meus cada vez menos discretos cabelos brancos que fizeram com que aquela garota de mais ou menos 14 anos se compadecesse de mim? Aceitei o convite prontamente. Como agradecimento, me ofereci para segurar sua mochila e assim seguimos silenciosos rumo a Ouro Preto em uma manhã fresca e iluminada. Tomado por agradecimento e compaixão por aquele ser angelical eu pensei - “Ok., sempre quis parecer mais velho, acho que o meu dia chegou! ”.

Bom, eu tenho 34 anos e para uma menina do oitavo ano com 14, eu poderia muito bem ser seu pai. Seria legal se os idosos também descolassem um assento assim com tanta facilidade.

Hoje, quando me dizem que a idade está na cabeça, a minha lombar dá uma fígada irônica.

*\*O fato da dificuldade de utilização do transporte público me fez lembrar de uma antiga crônica, voltar a ela e reescrevê-la*

# 5. Na academia de ginástica

Após quase 10 anos orbitando o limbo cada vez mais solitário dos que não dispensam o açúcar no café, os pastéis das feiras e as geladas aos fins de semana, decidi voltar para a academia de ginástica. Sei que “decidi” pode dar a ideia de opção o que realmente não foi o meu caso. Às vezes, eu odeio mentir para mim mesmo...

Então, peço licença para dizer que fui sumariamente obrigado pelo colesterol, pressão alta, triglicerídeos, pela presença constante da obesidade que me fareja entre uma subida na balança e outra, mas sobretudo pelo meu médico que pelo menos nos próximos 30 anos ainda não é um geriatra e, pelo menos nas próximas 24 horas, não vai me sugerir uma bariátrica.

Um par de tênis novos, algumas golas de camisetas cortadas à mão, 120 tabletes de cafeína, os quais o vendedor da lojinha de produtos para marombeiros me garantiu que dariam disposição, e lá estava eu com meu par de meias de canos altíssimos para disfarçar os cambitos, pronto para adentrar àquele

paraíso de delícias cheio de gente gostosíssima, saradíssima, saudabilíssima, tudo no superlativo mesmo.

Embora ainda seja humilhante admitir para mim mesmo que jamais abandonaria o vício em Coca-Cola e aqueles chips crocantes e repletos de sódio (inimigo número um dos marombeiros) que me remetem imediatamente à infância (sim, tenho paladar saudosista) decidi corajosamente na frente do espelho que - sim, eu tomaria whey protein! E pior, até de baunilha se fosse preciso para garantir meu shape trincado. Alerta: caso algumas palavras por aqui lhe soem estranhas ou até mesmo erradas, peço a gentileza que procurem algum influenciador digital do momento, pois eu tenho preguiça de explicar. Tudo bem?

Voltemos para a saga “cansei de me espararramar no sofá com pipoca e cerveja assistindo alguma série adolescente da Netflix que nunca chega ao fim”. Eu sei que lá em cima, citei todos os corpos que pavoneiam “distratamente” por entre paredes de espelhos

e uma golada ou outra de soro de leite, mas esses próprios espelhos condenaram a minha cara de pavor ao constatar que todos aqueles equipamentos me lembravam artefatos dignos de uma tortura chinesa.

Quem em sã consciência seria capaz de se autoflagelar, de subir por vontade própria num pau de arara em nome de uma cintura mais fina, uma coxa mais grossa, um peitoral indiscreto querendo estourar uma camisa tamanho pp?

As reflexões me chegam nos momentos mais inapropriados e era só isso que vinha à minha cabeça enquanto esperava a minha avaliação naquele cenário digno de “Jogos Mortais”. Como que num corredor da morte só que podendo avistar do lado de fora as pessoas que circulavam pela manhã satisfeitas em habitar seus corpos “imperfeitos”, talvez por medo, preguiça ou até mesmo rebeldia à ditadura do “seja belo”, por ironia do destino, eu quis correr, mas não pude.

Antes que eu escapasse, a voz mais doce e suave que Romeu nenhum jamais conhe-

ceria e nenhum Shakespeare poderia ousar, chamou pelo meu nome. Não!? Então era verdade que ali se escondia a influenciadora digital da vez com suas dicas e receitas para uma vida saudável e pele tão bronzeada que qualquer pessoa seria capaz de questionar se em Minas Gerais realmente existia praia?

Eu? Eu naufraguei naqueles olhos verde-mar, me embrenhei naqueles cabelos crespos presos altos como uma rainha de Sabá. Mas não ousei fitar-lhe por muito tempo, pois antes que eu dissesse alguma coisa ela pediu que eu tirasse a camisa.

Cheio de vergonha e ginecomastia tive o corpo milimetricamente farejado e mensurado. Peitoral, barriga, braços, antebraços, coxas, pernas... Quando pensei que ela já tinha acabado, abafei o grito ao sentir aquele beliscão do “aparelho medidor de percentual de gordura corporal ou adipômetro”, me explicou a garota, como que se esperasse ganhar 300 likes instantâneos em seu perfil do Instagram. Depois, simplesmente me descartou e pediu que eu pedalasse por 15 minutos na

bicicleta elétrica e mais 15 na esteira. Que eu a procurasse assim que concluísse os exercícios.

Terminei.

Depois, também fiz abdominais, pranchas, puxei cordas e caminhei no elíptico magnético, tudo sob o seu olhar vigilante e astuto. No entanto, o meu programa ficaria pronto somente no dia seguinte, aquela tinha sido apenas uma aula experimental.

Gostei tanto que já agendei a próxima... para 30 de fevereiro de 2050.

# 6. O homem mais solitário da cidade ou sobre vícios de linguagem\*

E assim dessa maneira, sendo sábado, e eu cansado de estar em casa rodeado por peixes ornamentais e discos de blues, cafés amargos e sonhos lentos, revolvi, talvez convidado pelas músicas históricas e buzinas alucinantes vindas de fora, dar uma volta por essa grande metrópole que sempre me escandalizou em sua selvageria.

Há algum tempo sozinho, intruso, perdido, confuso neste minúsculo apartamento em Pinheiros, um rapaz de quase 40 procura, na noite de sábado, preencher suas ausências em meio a paraísos artificiais, edens eletrônicos e espaços escusos. O telefone é um bicho morto e certamente não soará e a chatice dos chatos nos chats só me confirma a fugacidade do mundo moderno, descartável como as relações.

Então numa atitude “foda-se o mundo”, eu me permito uma dose de uísque falsificado, um banho demorado ao som do pop mais enlatado e as vermelhas calças insólitas que há muito eu não me atrevia. Depois mergulho no simulacro escandaloso da cida-

de grande, terna em sua dureza, rude em sua crueza, palco do desamor e da beleza. Baudrillard me antevê, comerciais me expõem, jornais me devassam, crimes me confessam e eu ali parado pateta, nem tão jovem (alguns fios brancos espetados na barba) nem tão velho (olhos ainda doces como de menino).

Caminho pela zona sul: guetos sinistros, cinemas suspeitos, esquinas poéticas. Fumo mil Marlboros, respondo à piscadela da moça sintética, me cego de neon, recordo alguma lenda urbana, recito um trecho de Pessoa, mando uns três tomarem no cu.

Quando dou por mim já estou lá dentro e a música tocada constantemente pelo D.J não diz absolutamente nada sobre a minha vida. Já não sei se por culpa do doce (que não bateu muito bem), influência de filmes de Serial Killer, do pós-punk inglês ou por mero tédio, desejo friamente que enforquem o maldito D.J e que depois incendeiem a discoteca. Mas aí me lembro da boate Kiss e o desejo se esvai - assim como a justiça nesse país.

No momento exato quando passo a me

sentir mais amargo que grapefruit verde, meus olhos se cruzam com os olhos mais doces os quais eu jamais ousaria fitar. Eles sorriem para mim e fortes mãos delicadas me conduzem ao escuro – não mais o de mim mesmo – aquele no qual tudo é permitido dentro das casas noturnas. Então nos apalpamos famintos, nos bebemos sem pressa e dentro de mim alguma coisa delira que “tudo na vida tem um propósito”.

E brota mais uma semana no meu tédio que fere. Cobertor roubado na madrugada, telefone às nove, às quinze, às dez. Aos poucos me acostumo com seu ronco, seu bruxismo, seu chulé. Me sento na escada fumando freneticamente perturbado pelo seu atraso e você vem... e você vem.... Pouco a pouco passamos acreditar no infinito. Ai que gracinha, seus disquinhos da Madonna, seus livrinhos de Freud, suas lembranças oitentistas, seu nariz arrebitado.

Mas de repente, não tão assim de repente, os telefones se calam, eu ligo e você não atende, você retorna e eu não atendo. Ou quando

você atende um tiro me dispara disfarçado de um ríspido – “fala! ”. E sofrendo calado ainda quero te ter, mas não assim sem alma, não assim sem calma. Então me perco de mim tentando te achar, tua miragem aparece nos cantos, nos prantos, no bar. Enfim você se vai. Escrevo um poema de qualidade suspeita, depois o escondo de mim mesmo – é sempre este o ritual.

Mais um sábado e eu aqui de novo cercado por vícios e linguagens (adeliopradianas, drummondianas, lispectorianas), uma bolha de sabão suspensa no ar, louco para que alguém me alfinete ou que algum vento suspenso, uma rajada de ar me paire sobre os prédios. Num lapso de segundo posso me atirar do 20º andar ou então vestir novamente minhas calças vermelhas insólitas e dançar um rock and roll até me estourar.

*\*Esta viagem aconteceu antes da pandemia.  
O isolamento social e a vontade de sair de casa  
afloraram o desejo de escrever sobre o tema*

# 7. Chuva e ternura

Não gosto desses dias chuvosos e velozes, os últimos do ano. Sobre eles, as pessoas passam apressadas e cheias de sacolas, se esbarrando pelas calçadas estreitas ou então se engalfinhando pelo último produto anunciado como promoção relâmpago. Gastam todo o dinheiro extra do décimo terceiro salário para se arrependem mais tarde: por que não paguei aquela dívida enquanto era possível? Agora tenho de esperar mais um ano para quitá-las. E fugir das cobranças. Mandar dizer que não estou quando baterem à porta, como nos tempos medievais.

O dinheiro suado durante quase um ano de ofensas, ônibus lotado, marmitta fria e orgulho pisado se transforma em presentes, em algum eletrodoméstico almejado há tempos, na versão mais atual de um smartphone que amanhã já estará obsoleto. Os presentes são, sobretudo nesses dias, a personificação de alguma mágoa restituída por algo que pode ser comprado e chamado de nosso. Para ficarmos novamente em paz com os nossos, precisamos exceder o limite

do cartão, pagar juros e por meses nos arrependermos em várias e suaves prestações.

Em meio a tantas campanhas publicitárias, ofertas, promoções, roupas de grife, cortes de cabelo da moda, está cada vez mais difícil de encontrar algo que possamos chamar de nosso. Muitos não se têm nem a si mesmos. Outros constroem muros ao redor do cotidiano e vivem sob a falsa ilusão de segurança, evitando nos outros o encontro com seu próprio eu. Viajamos o mundo inteiro online, mas temos dificuldade em responder ao bom dia do vizinho. Nossos filhos nos beijam e somem com suas motos velozes para alguma “balada”, longe das nossas velhas histórias.

Não gosto desses dias. Principalmente porque eles me lembram de minhas perdas, algumas pequenas, outras enormes, mas todas elas difíceis de engolir. Pessoas que se foram, sonhos que não se realizaram, o projeto de mim mesmo que não se edificou.

Nós limpamos as nossas gavetas, jogamos fora o nosso lixo, compramos o sonho consumista que foi almejado ao longo do ano e

depois, já nos primeiros dias do novíssimo ano, tudo se torna obsoleto.

A mudança se resume à troca do calendário na mesa de trabalho. Logo nos cansamos do novo brinquedo e vem a angústia da espera de que mais uma vez o menino nasça ou que espoquem de novo os fogos coloridos de artifício, portal mágico de um futuro que renasce, para quem?

Lembro-me dos natais de minha infância. Como era bom esperar pelo brinquedo pedido. E mesmo que esse brinquedo fosse substituído, por negligência ou pelo tamanho do bolso dos pais, ainda assim ele nos supria de uma carência qualquer. Os últimos dias quando na infância pareciam ser menos chuvosos, menos melancólicos e desesperançados. As perdas ainda eram irrelevantes. Os meus ainda estavam todos comigo. As prestações pareciam menores, os planos realizáveis. Esses novos dias - se fossem no tempo pueril - teriam gosto de morango, guaraná e merengue.

Ou será que apenas enfeitamos o passado

como se fossem árvores de Natal para com cinismo fugir da realidade do agora? Parar de fumar, tornar-se mais compreensivo e dócil para comigo mesmo, procurar urgentemente uma religião, seguir ao pé da letra o mandamento cristão – “amar ao próximo como a ti mesmo” – voltar para as aulas de inglês, perder os quilos extras. Mas porque só pensamos nessas coisas no fim do ano? Por que só no 31 de dezembro é que jogamos o nosso lixo fora e tentamos nos transmutar em novo? A quem estamos tentando enganar?

O fim do ano tem dois extremos completamente diferentes um do outro. Por um lado, corremos atrás de presentes, ficamos ainda mais compulsivos pelas sacolas, pelo dinheiro e pelas vitrines. Por outro lado, há ainda esperança, por isso tantos projetos, vigílias e programas. Por isso mais caridade e esmolas gordas aos mendigos. A preocupação pelos que vivem sob o gotejo das marquises. Mas com o passar do tempo vamos perdendo a esperança. Nos cansamos de erigir muros e escadarias que ficam apenas no concreto irrealizável.

Então somos tão mesquinhos a ponto de sentirmos no corpo o calor da esperança só nesses últimos dias úmidos e quentes de dezembro? Não sei.

Só de uma coisa eu tenho certeza: esses dias nos mostram que talvez não tenhamos perdido de vez a ternura. Esses dias nos mostram que ainda somos capazes de sentir esperança, mesmo que para isso seja preciso viver trezentos e sessenta e quatro dias de escuridão. Isso nos mostra que o ser humano – ao contrário do que muitos dizem – não perdeu de vez a sensibilidade.

# 8. Que atire o primeiro smartphone

Os lugares mais comuns e os cenários mais ordinários podem revelar questões bastante profundas. Há poucos dias recebi um convite para um almoço na casa de um casal de amigos idosos que estava comemorando Bodas de Ouro. O pequeno evento, “apenas para a família e os mais chegados”, foi pensado para não haver aglomeração e poderia perfeitamente ter sido em um final de semana, mas não foi. Após o almoço, nos sentamos no terraço enquanto conversávamos amenidades e bebíamos um pouco de vinho, afinal são coisas desse tipo que os pequenos burgueses despreocupados mais sabem fazer. Ríamos, interagíamos uns com outros, exatamente como as pessoas ditas “normais” fazem em um evento social. Apenas um garoto de mais ou menos 9 anos parecia alheio a tudo isso. Ele não se importava com nada, nem mesmo com a mesa posta para a sobremesa repleta de tortas, mousses e manjares.

Com óculos pesados, cabelo repartido de lado, pele muito alva e uma camisa polo colorida, ele não tirava os olhos do celular. Enquanto as outras crianças corriam pelos cômodos da ampla casa, brincavam de pique e até se desentendiam

por causa de algum brinquedo, o menino não desgrudava um segundo do aparelho. Aquele ser meio criança, meio velho, era capaz de impregnar o ambiente com uma presença incômoda. Com o queixo encostado no peito, ombros curvos e olhos vidrados na tela, ele estava indiferente a tudo o que acontecia à sua volta.

Foi quando a septuagenária anfitriã já incomodada com aquele “presente” estranho e incômodo ocupando muito espaço sem trazer qualquer serventia para a sua data especial questionou a sua mãe:

- Santíssima Maria, o que esse menino tem? Ele não largou o aparelho nem para comer!

- Ele está tendo aula remota, retrucou a mãe orgulhosa de sua cria.

A velha senhora havia sido professora durante boa parte de sua vida. Parecia ter sido criada conforme manda o figurino da tradicional família mineira, todos os seus gestos, posturas e até o jeito de falar davam indícios disso. Ela é daquelas pessoas que ainda falam “por obséquio” e toca piano após o jantar. Contudo, ela pareceu não entender nada daquilo e simplesmente foi

reabastecer as taças de vinho de seus convivas.

Na hora eu pensei cá com meus botões: que atire o primeiro smartphone o estudante, independentemente da idade, que não passou pelas longas e exaustivas aulas virtuais durante o isolamento social. Ou que deixou de confraternizar junto com seu próprio grupo familiar para estar presente em algum encontro síncrono.

“Guarde um pedaço para mim, só vou terminar de assistir essa aula”, já ouvi muitas vezes. Eu, por exemplo, não comemorei o último aniversário de minha irmã com pizza e brigadeiro na semana passada. O meu medo era que o professor (eu também faço aulas remotas) me chamasse durante a aula; ele costuma fazer isso com frequência para constatar que estamos realmente assistindo às explicações e não apenas enchendo a sala virtual.

Aulas síncronas, assíncronas, remotas, híbridas, são apenas nomes diferentes para uma prática que sempre foi muito criticada na Educação: o Ensino à Distância, também conhecido como EAD. Mas o surto do novo coronavírus e a impossibilidade de dezenas de alunos

estarem juntos em um mesmo espaço físico devido aos protocolos de saúde imposto pelas autoridades concedeu à modalidade um status de “salvadora da pátria”. Mas será que ela foi finalmente vingada e passará a ser assimilada ao nosso dia a dia com menos preconceito?

Ou será ainda mais rechaçada tal qual uma intrusa que de repente se apossou de nossos equipamentos eletrônicos antes utilizados para fofocar, paquerar, jogar, assistir filmes e até mesmo realizar outras práticas menos publicáveis, exceto estudar? Eu não sei de nada.

Baseado na Alemanha, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han é um dos ativos pensadores da pós-modernidade. O ensaísta já chegou a afirmar que “o celular é um instrumento de dominação. Age como um rosário e suas contas”. Para Chul Han, a partir da virada do século XX para o XXI, deixamos de ser uma sociedade disciplinar, como aquela defendida por outro filósofo, o francês Michel Foucault, para a sociedade do cansaço. Nesse tipo de sociedade os sujeitos deixam de ser movidos pela obediência e passam a ser movidos pela produtividade.

Ainda de acordo com o filósofo nascido no Leste da Ásia, a sociedade do cansaço exige desempenho profissional e pessoal diuturnamente. A auto-hiperatenção interage com a hiperatividade. Juntas, elas nos levam a um esgotamento físico e mental.

Quanto ao menino – o nome dele é Henrique, descobri depois – eu tinha vontade de lhe sugerir que deixasse a aula de lado e fosse brincar com as crianças, comer guloseimas, se sujar, jogar bola descalço. Que a infância é uma coisa tão breve e cadente que quando nos damos conta já acabou. Ao mesmo tempo me lembrei de que o ambiente familiar e as primeiras relações (geralmente com os pais) desenvolvidas na infância influenciam e determinam a personalidade.

Não quis ofender ou desautorizar a mãe alheia a algo tão triste que acontecia com seu próprio filho naquele momento. Sobretudo, eu temi que ele já tivesse se transformado em algum personagem de um filme distópico qualquer, daqueles em que os homens, ao invés de músculos, possuem parafusos e fluidos.

# 9. O canto da sereia

Engana-se quem pensa que ser profissional da comunicação em um cenário local, numa cidade do interior, seja tarefa fácil. Talvez seja para aqueles que não vestiram com sinceridade a camisa do ofício e se contentam em apenas copiar e colar releases do poder público municipal, empresas privadas e não sair à caça de notícias.

Desde que, estudante do primeiro período do curso de jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, passei no processo seletivo para trabalhar no Jornal Voz Ativa, um portal de grande alcance na Região dos Inconfidentes, os meus principais dilemas são dois.

De um lado está o que chamo do sedutor canto da sereia, ou seja, a notícia pronta, aquela que não questiona, não provoca, não traz a polifonia das vozes, a variedade da escuta, a tentativa de adivinhar o que não foi dito e está encoberto por um silêncio que grita e pede para ser ouvido (ou escrito) da maneira mais fiel possível.

De outro está a dificuldade de acesso às fontes, o baixo investimento para cobrir

despesas ligadas ao trabalho, desde o carro que me levará ao local do acontecimento, a qualidade do material de apoio como gravador e máquina fotográfica, por exemplo, até os custos com o cafezinho entre a espera para entrevistar uma fonte e outra.

Diante desses dois extremos, há ainda tal questionamento – “por que dar tanto valor a um fato que não precisa de tanta exortação, enquanto outros, aqueles que parecem menos importantes, são tantas vezes abafados, deixados de lado e até mesmo ignorados?”.

Eu poderia citar uma lista deles que clamam diariamente para vir ao mundo, sobretudo numa região como Mariana e Ouro Preto onde imperam a exploração minerária, a lama invisível, a desigualdade social.

Os leitores querem que nós os jornalistas sejamos factuais. Não estão errados, eles entendem o delicado limiar entre aquilo que chamamos de “interesse público” e “interesse do público”. Para eles importam muito mais se a rodovia que dá acesso à rua que as levam ao trabalho estará interditada na se-

gunda de manhã que o novo filme de maior sucesso na Netflix, até porque nem todo mundo pode pagar esse tipo de serviço.

E aqui é importante que se faça uma ressalva. Isso não quer dizer que as pessoas não estejam interessadas em cultura, em “amenidades”. Afirmar isso seria tão presunçoso quanto um William Bonner dizendo que as pessoas seriam incapazes de compreender notícias complexas, ainda que importantes.

Por isso e outros motivos eu aprendi que o repórter precisa se levantar da cadeira da redação, tem que estar nas ruas. Ir aonde o povo está. Dialogar com as pessoas, estabelecer um vínculo, trocar. Ouvir muito mais do que falar. Entender e assimilar a linguagem do povo.

É claro que a pandemia do novo coronavírus impactou profundamente essa relação entre repórter e fonte. Mas eu não posso ficar parado de braços cruzados esperando que os releases cheguem, enquanto há tantas vozes esperando para serem ouvidas, histórias clamando para serem contadas.

Essa convicção me fez adquirir um hábito

em meio à quarentena e ao home office. Mesmo que aparentemente eu não precise sair às ruas e deva me contentar com o diálogo por meio de aplicativos de áudio e imagem, ainda assim, acordo diariamente às sete, escovo meus dentes, tomo o meu café, me troco, checo o meu material de apoio e sigo o dia como se estivesse pronto para sair a qualquer momento, caso aconteça algo que indiscutivelmente necessite de um repórter na rua.

Não importa se você é um estudante de jornalismo idealista, alguém com uma carreira promissora estacionado por um tempo em uma cidade do interior ou um funcionário de uma grande empresa de comunicação. É preciso ter acima de tudo, respeito pelas pessoas, sensibilidade e honestidade com seu trabalho. Não importa aonde esteja.

“Imagine se eu fosse jornalista, jamais estaria trabalhando num jornalzinho local. Eu estaria nos estúdios Globo”. Foi exatamente essa a provocação que ouvi outro dia na cozinha como forma de indireta de uma pessoa que até então eu não sabia que era um desafeto meu.

Além de indelicada, eu achei a afirmação, no mínimo alienada. Talvez haja desafios ainda maiores dentro do jornalismo local. A falta de investimento, a dificuldade que as pessoas lhe concedam espaços (não de fala, mas de escuta) e a concorrência com aqueles que foram eleitos, há séculos, as vozes prestigiosas da cidade são apenas alguns deles.

Talvez o maior desses desafios ainda seja a compreensão por parte dos jornalistas atuantes em um cenário local de que eles têm sim o seu valor. Dificilmente a grande mídia hegemônica sujará os seus pés em uma cidade do interior para fazer coberturas, mesmo que isso alcance uma repercussão nacional, como aconteceu no rompimento da Barragem de Fundão, no distrito de Mariana, em 2015. Sempre haverá os que correrão os primeiros riscos, os que sedimentarão toda uma estrutura para que outros venham atrás. Para isso basta entender um pouco do jogo de xadrez – os peões sempre vão na frente!

# 10. Silêncio

Como é que se supera a crise da linguagem? A síndrome da tela branca? O vazio que é declarar “hoje eu não tenho nada a dizer”? Se você conhece alguma fórmula mágica, por favor, a compartilhe comigo, porque eu já não posso escrever. Você já se sentiu como se tivesse silêncio demais dentro de si? É justamente esse o sentimento nas últimas semanas.

Tenho passado horas navegando pela internet em busca de juntar os cacos do cotidiano. Às vezes saio pelas ruas da cidade velha coletando restos, vestígios ou procurando lembranças, colecionador que sou. Volto para casa, tento descobrir algo “da janela lateral do quarto de dormir”, como ensinaram Lô e Bituca. Tudo em vão!

Os dedos pousam mortos no teclado e, assim como se eu fosse um pianista que esqueceu como se lê a partitura, nada acontece. Simplesmente não se dá mais a mágica. E quanto mais tento me exprimir por meio de palavras, quanto mais tento uma conexão com o outro, reflexo do mais profundo de

mim mesmo, mais tomo consciência do meu silêncio. É incômodo, estranho, assustador.

Você pode pensar que de alguma forma eu esteja destemperado (É só uma fase, essa de telas em branco!). Mas não se trata de alegria demais e nem de tristeza demais, já que ambas nos cegam perante os outros sentimentos humanos quando em excesso.

É pior! É como se de repente eu tivesse crescido e descoberto que nada mais me causa espanto ou estranheza. É como se eu estivesse meio morto ou então caminhando entre zumbis em um deserto gelado.

Mia Couto, escritor moçambicano de quem muito gosto, disse que nasceu para estar calado e que sua única vocação é o silêncio. Lindamente, ele afirmou também que “todo o silêncio é música em estado de gravidez”. Estaria eu então assim tão sem útero, sem seios, sem regras, sem vagina, grávido de uma sonata ou quem sabe de uma opereta?

Penso que talvez o maior erro dos que gostam de escrever e se sentem meio que no

túmulo quando não podem fazê-lo seja justamente se obrigar a isso. A obrigação de sair no jornal, de publicar logo o trabalho acadêmico, de esperar ansioso os aplausos (ou as vaias) é capaz de nos travar.

Talvez escrever deva ser um ofício solitário, a seu tempo, distraído. Assim como é preciso estar distraído para que os e-mails cheguem, para que os telefones toquem, para que a água do café ferva.

Escrever por obrigação talvez dê certo para jornalistas que aprenderam a fórmula do lead. Aqueles que redigem quase que mecanicamente, morrendo de medo de parecer pessoal demais ou de não seguir a pirâmide invertida.

Em busca de inspiração, mostrei esse texto para algumas pessoas. Quem sabe alguma delas não me ajudaria a desatar esse nó na garganta.

Uma amiga chamou esse texto de “artigo de opinião”. Minha irmã disse que era um conto. Outro amigo disse que era apenas “um comentário sobre o ofício de escrever”. Estão errados? Tecnicamente, não! Mas eu

queria que fosse uma crônica e talvez até possa denominá-la assim, já que até o grande Fernando Sabino escreveu que “crônica é tudo o que o autor chama de crônica”. Já a questão do transbordamento de silêncio, ainda não consegui resolver. Talvez me falte a maturidade daqueles que, como Mia Couto, perceberam que o excesso de silêncio seja a gestação de algo que está maturando, mas sequer conseguimos ainda nomear.

# 11. Crônica de um perfil: a menina que mudou a minha vida (e a de muitos outros)

O relógio marcava exatamente 01h46 quando fumei o meu último cigarro do dia, engoli a seco um comprimido de Clonazepam, mordisquei uma torrada integral meio murcha e enfim me deitei naquela cama de colchão duro em um quarto que um dia já fora meu. O encontro com a garota que mudou a minha vida estava marcado para as nove horas daquele seco e quente 11 de setembro de 2020. Há exatos 19 anos, o homem que declarou guerra à América colocaria as Torres Gêmeas, símbolo máximo da supremacia norte-americana, literalmente, no chão.

Às oito horas em ponto, o despertador toca sutil, mas insistente. Eu me levanto ainda bêbado do calmante do dia anterior, espio por uma fresta entre as cinzentas persianas, o sol bate em meus olhos vermelhos de ressaca e me ofusca. Mesmo depois de uma noite com sono agitado, suor e ainda que com a barba por fazer, me empenho para não passar uma impressão de desleixo. Uma ducha faz com que o ranço seja eliminado, pelo menos acredito eu, por completo de meu corpo. Escovo os den-

tes, tomo um café preto extremamente doce, o que embrulha o meu estômago, não sei por que, mas me recordo de Macabéa – “nem tão velho, mas já com ferrugem!”

Oito horas e quarenta e dois minutos. Tento chamar um táxi, mas não consigo encontrar nenhum disponível em meus contatos de celular com a tela rachada. “Caixa postal”. “Ocupado”. “O número não existe” ... Só me resta apelar para o Corcel 86 do meu pai. Após quase três meses vendo o sol nascer quadrado, desde que me refugiei em Boa Esperança, região sul de Minas Gerais, por causa da pandemia do novo coronavírus, essa é a primeira vez que saio de casa para um encontro.

Chego no local marcado sentindo o sol acariciando a minha pele e ao som de I Can't Quit You Baby, do Led Zeppelin, o que não me parece uma trilha adequada para aquele horário e momento. Estaciono em frente a um hotel na Avenida Juscelino Kubitschek e a aguardo sentado em um dos bancos da orla do Lago dos Encantos, principal ponto

turístico da cidade. As pessoas que naquele horário já fazem caminhada na avenida também conhecida como Beira Lago, me olham como se eu tivesse saído direto de algum jardim zoológico, essa é minha impressão. Estou usando máscara de proteção e disfarço essa certa hostilidade com uma falsa postura de segurança e um quase sorriso nos lábios que ninguém vê. Acredite, os moradores da cidade sabem ser hostis. Também estou munido de câmera fotográfica, tripé e gravador. “Você é quase um jornalista”, tenta interferir o meu ego, mas dou de ombros.

Já passa das nove horas quando recebo uma mensagem via Whatsapp: “Estou saindo de casa, pedi um Uber”, avisa Darlyanne Silva Goulart, a “Diva Darly”, alcunha que forjou para si mesma diante da necessidade sagrada que todos temos, ou deveríamos ter, de nos ressignificar.

De repente, eu a avisto. Minha alma novamente se inquieta, meus cigarros se apagam. Ela vem chegando altiva. Agora eu a recebo mascarado e macerado pela espera.

Meu rosto até então sisudo libera um sorriso, como um céu escuro espocando clari-dades. Darlyanne Silva Goulart me surge li-teralmente como uma aparição. Uma deusa da mitologia africana. O seu vestido longo e branco com motivos africanos reforçam essa ideia, talvez um pouco fabricada. As tranças cor-de-rosa no mesmo tom da sandálias de tiras, maquiagem em perfeita sintonia com sua pele preta.

Há uma aura de liberdade em Darlyanne, talvez culpa de seu arquétipo de sagitário. Também há realmente algo de diva em Darlyanne. E não é isso que as divas fazem, se atrasam? Então, ao invés de me chatear, apenas me conformo. Ella Fitzgerald, Billie Holiday, Nina Simone, Elza Soares, “a minha musa suprema da música”. Enquanto as outras meninas da escola eram comedidas, e até mesmo um pouco pudicas com seus cabelos escovadas, Darlyanne era imperdoavelmente bonita, esguia, alta, de cabelos crespos e livres. As coisas não parecem ter mudado em 25 anos.

Nos conhecemos em meados dos anos

1990, mais precisamente em 1995, na Escola Estadual Presidente Kennedy - “um nome muito gringo para um sonho tão brasileiro”, disse o diretor, já falecido, Everaldo Macedo à época.

Anos mais tarde, o colégio público que exigia até teste para aceitação, passaria a se chamar Padre João Vieira da Fonseca, o mesmo sacerdote que, conta-se, castigava os estudantes mais rebeldes, os mais pobres também, evidentemente, com palmatória e humilhações. Eu tinha 13 anos e ela estava prestes a completar 15. Éramos repetentes, ela cursava a quinta série pela segunda vez, eu também. Anos antes da chamada “revolução digital”. Os sentimentos ainda não eram resumidos por um dedo polegar apontado para cima nas redes sociais. Acho que o conceito de relações líquidas ainda sequer havia sido cunhado por Zygmunt Bauman. Mas se engana quem pensa que éramos felizes vivendo em uma cidade provinciana que se esqueceram de bombardear. Mas Darlyanne já estava anos luz à frente dos outros. Mes-

mo diante da obrigatoriedade do uniforme escolar, sempre quebrava as regras. Certa vez apareceu na escola com uma camisa do Flamengo. Foi obrigada a voltar para casa e se trocar, é claro. Mas não se deu por vencida. Em outro feito, ainda mais ousado, apareceu com a camisa da Mangueira. Naquele ano, a escola de samba havia homenageado Chico Buarque de Holanda. Foi obrigada mais uma vez a trocar o verde e rosa pela trivial camiseta branca com logomarca do município no peito.

Foi por meio de Darlyanne - sentávamos em carteiras muito próximas e sempre no “fundão” - que vi pela primeira vez um exemplar da revista Raça. O periódico trazia conteúdo relacionado à cultura afro. Foi também por meio dela que tive acesso, pela primeira vez, à revista Carícia, popular publicação destinada aos adolescentes da época. Era fácil realizar esse tipo de escambo quando o professor estava voltado para o quadro negro. Quando se é adolescente, horóscopo e jogo das vocações são bem mais interessan-

tes que números primos. Mas me lembro de uma edição em especial cujo tema era sexualidade. A parte interna da revistinha cor-de-rosa trazia em seu interior um pôster com uma mulher e um homem completamente nus. Foi por meio de Darlyanne que pela primeira vez na vida eu vi um pênis (além do meu próprio, é claro) e uma vagina.

“Como você consegue se lembrar disso tudo, João?” “Pois é, Diva Darly! Para a minha glória e ruína eu acho que tenho memória fotográfica”, devolvo. Ela sorri com os dentes tão alvos e bem feitos, se transformando novamente na Darlyanne da 5<sup>a</sup>4, turma que diferentemente da 5<sup>a</sup>1, era formada por repetentes, filhos de pessoas que ocupavam cargos de menos destaque na cidade, periféricos e negros. Havia segregação na prestigiosa Escola Estadual Presidente Kennedy, constatamos juntos, mas sem tristeza.

Agora, do alto de seus 39 anos, a luta de Darlyanne é mais arquitetada, ela sabe a que veio e aonde quer chegar. Candidata a vereadora no município de Boa Esperança tem um

plano de atuação quase inocente. Presidente do Coletivo Quilombolas, quer dar voz à juventude preta e periférica. E continuar sendo a Madrinha dos LGBTQIA+, título informal que recebeu da sigla depois de se empenhar com garras e dentes para promover a Parada do Orgulho na cidade, o que só ocorreu pela primeira vez há dois anos.

Mas você sequer é LGBT, Darlyanne, por que comprar essa briga? “Sabe João, não importa se você é negro, gay, lésbica, travesti, transexual, portador de deficiência física ou mental. O nosso opressor é sempre o mesmo. Quem não gosta de preto, geralmente não gosta de gay. Tem dificuldade para entender ou ao menos aceitar a diferença. É preciso lutar contra o mal e cortá-lo pela raiz, não deixar muda. Ou melhor, não ficarmos mudos”.

Eu acredito em Darlyanne e, novamente, volto no tempo. O ano, presumo, era 1998. Mas não importa se o fato aconteceu um ano antes, ou dois. O impacto foi profundo demais em minha vida. Naquela época as coisas eram mais difíceis financeiramente para

minha família que aceitava de bom grado sacos de roupas usadas enviadas pelos parentes que moravam em São Paulo. Vi no envio daquelas roupas a oportunidade de também ousar ser eu. Após fuçar freneticamente no saco encontrei uma calça jeans diferente de tudo o que já tinha visto. Era uma calça Lee com costuras coloridas no bolso e nas laterais e com as barras mais curtas, as famosas calças “pega-frango”. Fui para o colégio com ela. Ainda não sabia quem eu era, mas naquela época os garotos da escola tinham em mente uma série de adjetivos para me definir – “bicha”, “veado”, “baitola”, além de outros menos publicáveis. A tal da calça Lee foi a oportunidade para os garotos da escola promoverem uma verdadeira tortura comigo. Pior até que a contada pelos mais velhos e realizada com sadismo pelo Padre João Vieira. Na hora do recreio, pude ouvir entre risinhos: “marica”, “franguinha”, “boiola”. Pelo simples fato de me questionar por que uma simples calça podia deixar pessoas de tão pouca idade espumando de

raiva e também por ser um menino sensível, logicamente me senti ofendido. Entre gritos, vaias, gestos obscenos e até arremessos de cachorro- quente mastigado, me sentei embaixo de uma árvore, abracei os joelhos e comecei a chorar. Um choro de raiva, de revolta, sobretudo de dúvida.

Com os olhos marejados e ainda olhando para baixo, vejo um par de tênis All Star sujo e puído. Era Darlyanne que me pegou pelas mãos, me levou até o bebedouro, me deu um abraço e fez aquele mar de humilhação se apaziguar, quase que com um toque de mágica. Voltamos para a sala de aula, os insultos é claro, prosseguiram até 2001, ano em que me formei e fui fazer cursinho em São Paulo.

Aquele gesto no entanto, mesmo parecendo banal, mudou completamente a minha vida. Deve ter mudado a vida de muitos outros e outras também, ainda que a maioria dos antigos conhecidos do colégio, se tornariam mais tarde apenas rostos por trás de caixas de supermercado.

“Sim, eu acho realmente que já tinha um

senso de justiça muito forte em mim, embora sequer ainda existisse a palavra bullying”. O termo empoderada também só foi se tornar comum anos mais tarde, mas Darlyanne já era a encarnação do empoderamento.

Mas quem vê essa mulher forte talvez nem consiga imaginar o que ela já sofreu. Grávida pela primeira vez na adolescência foi obrigada a sair da casa dos pais. Meses depois, abandonada pelo namorado, passou muitas dificuldades. Sem casa para morar, teve que apelar para a ajuda de amigos, recorda com lágrimas nos olhos.

Darlyanne não é só candura. Como todos os seres humanos que já passaram por injustiça, para ela também é muito fácil odiar. Ela odeia então. Pinta as unhas de vermelho e depois as rói até o sabugo. As unhas ficam com aquela aparência horrível – curtas, esmalte vermelho descascando, sujas de preto por baixo, presumo, enquanto ela dispara: “É por isso que eu quero ocupar o legislativo esperancense. Quero mostrar para as mulheres, que elas podem se empoderar,

não permitir que sejam alvo de maus tratos. Quero enegrecer a Câmara Municipal de Boa Esperança”.

Já é quase meio-dia. A essa altura do nosso encontro, Darlyanne já está cansada, noto pelo seu semblante. O celular não para de tocar. Primeiro é o seu filho, Marco Antônio, de 12 anos que liga pedindo para passar o final de semana com os avós. Além de Marco Antônio, Darlyanne tem outros dois: Pedro, de 14 e Rafael, de 22.

Depois, o partido o qual Darlyanne está filiada cobra dela uma série de atitudes em relação à candidatura. Além disso, é função da Diva Darly encomendar uma marmita, ligar para o mototáxi e pedir a ele que envie a comida para o seu marido. Negão está trabalhando nesse momento em uma obra na região periférica da cidade.

“Eu já cansei de falar para os meninos. Vocês que não tomem jeito e aprendem a se virar sozinhos não para ver. Hoje em dia as mulheres não aguentam mais nada caladas, a Amélia já morreu há muito tempo”.

Se uma coisa eu apreendi com esse reencontro é que de certa forma a minha história se mistura com a de Darlyanne. Ambos Silva, ambos negros, ambos moradores de uma cidade sem perspectivas. Creio que seria impossível contar a sua história sem se misturar com a minha. Entre nós e a realidade há uma casca grossa chamada duramente de verdade. Nos anos 90, apenas éramos muito jovens e, sós, tentávamos um modo de nos encontrar. A Darlyanne que encontrei não é mais uma adolescente que lia revistinhas cor-de-rosa, e eu... Eu ainda não sei quem eu sou, no sentindo mais amplo da palavra.

# 12. “Bunda de mulata, muque de peão”

*Totalmente terceiro sexo*

*Totalmente terceiro mundo*

*Terceiro milênio*

*Carne nua, nua, nua, nua, nua, nua, nua...*

*E a pergunta vinha*

*Eu sou neguinha?*

*(Caetano Veloso)*

Como eu gostaria de ter nascido mulher! Minha vida ia ser outra coisa, nada dessa chatice de passar o dia inteiro estudando ou fazendo telha, se bem que de estudar eu gostava. Se ao menos as telhas variassem, tivessem formas e cores diferentes, como as que eu consigo imaginar.

Se eu fosse mulher, ia me casar com um desses bonitões aqui da Vila do Toco e criar meninos como a Luzia e a Cléo, até mesmo como a chata da Ana que passa a manhã quase inteira fofocando ao sol enquanto os filhos se engalfinham na caixa de areia. Outro dia, vi o menorzinho comendo areia, que nojo!

Claro como eu sou, ia me casar com um homem mais claro ainda pra ter um filho tão lourinho e bonito como meu sobrinho

Paulo, que gracinha que ele é, só oito meses e já tão sabidinho. Que vidão eu ia ter!

Sei que é duro, mas é um trabalho que eu ia fazer com gosto. De manhã, só brincar com as crianças, e depois do almoço ia fazer um bolo, uma torta, qualquer coisa gostosa para agradar meu marido, mas sempre batendo papo com as vizinhas, falando sobre filmes, novelas e romances. Mais tarde, ia tomar meu banho pra esperar meu marido, como minhas irmãs, só que minha escolha ia ser bem diferente.

A Luzia se casou com um velho, e a Cléo... Ah, eu não ia escolher o Jorge, sem perigo! Eu ia escolher o Pedro, seu irmão, mais novo, mais bonito, todo mais ajeitado, mais bem feito de corpo, até no peru, é outra coisa, não é aquele trabuco mal acabado como o do Jorge.

Nunca vou me esquecer aquele dia no vestiário do clube – eu tinha apenas seis anos – quando ele exibiu aquela monstruosidade debaixo do chuveiro onde havia crianças. Os rapazes fazendo palhaçada, todos correndo com a mão cobrindo o rabo, como se sentis-

sem ameaçados e ele todo orgulhoso, o bobão.

Eu nunca tinha visto um bicho daquele tamanho, ainda mais duro. Aliás, duro só o meu pipizinho na época quando eu acordava com vontade de fazer xixi. Aquela visão me chocou demais, tomei horror a ele, nunca deixei que ele me pegasse no colo, só o Pedro. E odiei minha irmã quando se casou com ele. E quando eu aprendi para que aquilo servia, chorava de pena de minha irmãzinha, mas aí eu já não desejava mais que ela não tivesse escolhido o Pedro, porque já o queria para mim, eu já fantasiava. Aquele sorriso, aquela educação...

Certo dia, ele me perguntou se eu gostava de caçar. Eu disse que achava que sim, se não fosse uma malvadeza. Tinha pena dos bichinhos. Ele sorriu e disse que eu era um menino sentimental, que eu era mesmo um bom garoto, mas que, como eu não tinha irmão mais velho, qualquer dia ia me levar à caça, para eu virar logo homem. Que homem tinha que fazer essas coisas. Alisou meu cabelo e disse que dali a pouco eu estava virando um macho

e não ia mais ter pena de matar bicho. Ia era vibrar com cada um que matasse pra comer. E aí, voltou-se e fez esta observação: “Pra comer, viu? Matar sem ser pra comer é covardia, e covardia não é coisa de macho não”.

Fiquei encantado refletindo aquelas palavras que saíram de sua boca sorridente repleta de dentes brancos. Naquela hora, desejei mais do que nunca dar um beijo nele, mas infelizmente eu não era mulher, pensei com tristeza, não ia nunca poder ser a mulher dele. Mas fiquei com o corpo todo bem quente, uma espécie de febre. Tenho um xodó com meu cabelo que está sempre molhado com gel, mas nem me importei que ele tivesse me assanhado, o peso da mão dele foi mesmo um carinho, pelo menos aquilo eu estava ganhando.

Essas ideias e histórias ainda embalam a vida de Chico, antigo conhecido do interior de Minas. Ele embarca frequentemente nessas fantasias, principalmente nas horas de maior desprazer, passadas em moldagem de telhas na olaria que herdou do pai Clementino de Souza Melo, falecido há 2 anos

e que também era benzedor “sem cobrar um centavo”, não deixa de pontuar Chico. Trabalho árduo, cansativo, mas sobretudo monótono, chato, sem nenhum glamour, tão diferente dos que desejava fazer em seus sonhos modestos...

Chico inveja sua irmã mais velha, a Luzia, que frequenta um curso de bordado e volta a cada dia mostrando as maravilhas que aprende. Uma variedade enorme de pontos, como o ponto cruz, o cheio, o ponto atrás, o richelieu, o caseado, o apanhado, o treliça, o russo e tantos outros. Chico se delicia com esse universo artesanal. Chico não sabe bordar, mas distingue qualquer um deles. “Vida de mulher é que é boa”, inveja.

Ainda que baseados em estereótipos, os pensamentos são todos de Chico. Quem sou eu para condenar o projeto de felicidade de alguém? Costurar, fazer bolos, tortas, tricotar ao sol do inverno, dar banho e passar talco perfumado nos bebês, aquelas gracinhas rosadas. Depois dar o peito. Ah! deve ser uma sensação deliciosa, aquela mordidinha

sem dentes, suspira beliscando os mamilos.

Claro que as mulheres também têm seu lado desagradável, como passar dias sangrando e ser penetradas por enormes perus, o que deveria doer, pensa, imaginando o “trabuco” assustador de seu cunhado Jorge. Então, para apagar aquela imagem repulsiva, imagina o de seu irmão Paulo e se resignava supondo a delicadeza com que ele deveria penetrar.

Somente após ter moldado as cinquenta telhas de sua tarefa diária, ele poderia ir estudar, o que fazia com enorme prazer, e, como consequência, tirava mensalmente a segunda melhor média da sala, pois só era superado por Tereza Cristina que por ele era apaixonada, sem que ele ao menos se apercebesse. A cabeça voando muito acima da realidade que a rotina diária de barro e argila insiste em lhe impor.

Ele era muito jovem, mas a responsabilidade em seus ombros era a de um adulto ajuizado, de modo que não lhe sobrava tempo para qualquer diversão, a não ser assistir à telenovela das oito, quando se imaginava no lugar das mocinhas que eram abraçadas pelos galãs, der-

retendo-se com seus beijos efervescentes. Ou durante seu demorado banho, quando se masturbava com a cabeça enrolada numa toalha, maquiado com os produtos de beleza de sua irmã caçula, muitas vezes ignorando os gritos de apelo e os xingamentos dos demais da casa, apertados para usarem o toalete.

Mas aquelas fantasias do banheiro não aconteciam mais, desde que, por infelicidade, esquecera de trancar a porta e fora flagrado por Jorge:

- O que é isso, Chico?! – perguntou o cunhado, assombrado com a cena.

Chico empalideceu mesmo com as bochechas sob grossas camadas de blush e os lábios sob o encarnado do batom. Gaguejou, gaguejou e, somente depois de recobrar o fôlego, mesmo sentindo o ar queimar seus pulmões, conseguiu por fim tentar uma explicação:

- Estou treinando minha maquiagem para sair no bloco dos sujos. Vou... vou sair de loura burra – pôs um sorriso amargo na face lívida.

- Que veadagem é essa, seu cabra? Que papo mais idiota, o carnaval já passou! Não

sabia que você era bicha, uma bichinha tão descarada. Você não tem pinta disso, como engana!

- Mas eu não sou!

- Como não é? Olha essa boiolice toda!

- Não sou! Não sou! – gritou em vão. – Será apenas uma brincadeira para o Baile do Enterro – respondeu chorando, tirando os olhos daquela linguiça a jorrar urina no vaso, o cunhado sem nenhuma intenção de escondê-la. Então, indiferente ao pranto do garoto, deixou que aquilo endurecesse de forma tão assustadora que Chico se refugiou aterrorizado no quarto, sentindo sua vida se esvaír e já fazendo seu autossepultamento, como se ali fosse, a um só tempo, seu esquife e sua cova. E, assombrado, temendo que vissem seu cadáver assim maquiado, começou a lavar o rosto no tanque com sabão e lágrimas. Dali em diante sentiu seu mundo descer aos infernos.

Os dias sempre pareciam agora mais longos e o sobressalto era seu companheiro constante. O cunhado o olhava apenas de

relance, mas não perdia qualquer oportunidade de acariciar seu trabuco duro, resguardado pelas calças. Chico encontrou assim seu calvário. Ele vagava pelo quarto e pelos corredores da casa como um zumbi, temendo encontrar o cunhado que vez por outra se fazia presente como um mau agouro. Dormia de porta trancada e não saía do quarto no meio da noite sequer para ir ao banheiro: usava uma garrafa de refrigerante para urinar. Duas razões ele tinha de rejeitar seu desafeto cunhado. A primeira, porque Jorge era seu cunhado, marido de sua querida irmã Cléo, e ele preferiria a morte a magoá-la, ou traí-la. A segunda, porque, ao contrário de seu irmão Paulo, Jorge não frequentava suas fantasias, era para ele um homem absolutamente grotesco. E aquele trabuco grosso, torto e excessivamente brilhante, lhe causava nojo, medo, um pavor parecido ao que ele tinha de uma arma mortífera. Mesmo assim não podia adivinhar que aquela seria, sim, a arma mortífera que iria aniquilar sua vida toda feita de sonhos

e de quimeras, por isso ele não teve outra opção a não ser querer sumir de uma vez por todas.

Já era tarde da noite e ele não havia sido visto por ninguém, exceto por um colega do colégio quando pedia carona a um caminhoneiro na Rodovia Fernão Dias. O garoto não guardou a placa do caminhão, conseqüentemente, nada nesse sentido pôde ser feito. O drama se instalou naquela família, havia um sobressalto em cada coração, e deu-se a busca desesperada, os apelos aos moradores da vila e de todas as outras comunidades vizinhas. As rádios locais faziam apelos por qualquer notícia em nome do pai que emudeceu e da mãe que a cada minuto ficava mais parecida com a Pietá, olheiras profundas contornando os olhos mortiços, sem vida.

Até hoje ninguém sabe o motivo de Chico ter saído de Boa Esperança e se refugiado em Santana da Vargem, município localizado a cerca de 30 km, por 12 dias. Lá, conta, passou fome, frio e humilhações de toda a ordem. Até que um caminhoneiro amigo de seu pai o reco-

nheceu, trazendo-o de volta para o seu calvário.

Mas ninguém te pressionou, o que lhe motivou a deixar a casa de seus pais sem pretender voltar, Chico? As pessoas comentam muita coisa, falam de tudo o que não sabem. Ninguém nunca soube de nada assim, além de você, agora, revelou. Da minha dor, da violência a que fui submetido, ninguém vai saber, é um fardo que carrego aqui dentro, exceto Jorge que, depois de três dias foi vitimado por um aneurisma gravíssimo e se manteve calado para sempre, conta no intervalo entre a fabricação de um tijolo e outro.

# 13. A onda vermelha que atinge Antônio Pereira e todos nós

Com os festejos de final de ano batendo na porta, a comunidade de Antônio Pereira foi obrigada a passar o último fim de semana sem álcool, festas, bares ou restaurantes. Os atrativos culturais e naturais estão proibidos. O distrito de Ouro Preto foi novamente invadido pela Onda Vermelha. Não, o local não recebeu a visita de uma caravana de esquerda ou coisa que o valha. É mais grave, pelo menos para alguns. Ele regrediu sozinho para uma das fases mais restritivas do Plano Minas Consciente, o protocolo criado pelo governo estadual para a “retomada segura da economia”. Em Cachoeira do Campo, Lavras Novas, Glaura, Santo Antônio do Leite e nos outros oito distritos da Cidade Patrimônio Mundial está tudo certo. O problema é só em Antônio Pereira. O motivo do “castigo” imposto pelo executivo municipal? A alta incidência de casos positivos de Covid-19 nas últimas semanas. Sim, está no decreto nº 6.309 de 02 de dezembro de 2021 publicado pela prefeitura. O distrito é responsável por quase 40% de

casos positivos e por isso foi necessária a intervenção da sede.

Mas não é a onda vermelha que preocupa os cerca de 3.500 habitantes da comunidade. Com essa eles já estão acostumados, para contê-la basta seguir os protocolos de segurança estabelecidos pelas autoridades de saúde. Observar religiosamente as medidas impostas pela gestão municipal. Não dar motivos para que os fiscais de postura ajam no local.

A outra onda que tira o sono no Pereira é a onda de lama da Vale. É por isso que cerca de 30 moradores do local que teve sua primeira igreja fundada em 1716, recentemente, fecharam a MG-129 que dá acesso às minas da Vale e às obras de construção do Novo Bento Rodrigues. Eles estão preocupados com a segurança da barragem Doutor, da mina Timbopeba. Apesar da mineradora considerar que o nível de emergência da estrutura diminuiu de 2 para 1, em maio deste ano, os moradores cobram uma avaliação externa.

Eles também alertam que obras feitas para

melhorar a segurança não estão resistindo e um vertedouro instalado em setembro foi destruído pelo aumento do fluxo de água e rejeito, e, com a temporada de chuvas, o medo de novo rompimento aumenta.

Por que falo sobre isso? Pois bem, há poucos dias, conversei com uma moradora do distrito de Antônio Pereira. Foi uma conversa informal, eu não estava fazendo nenhuma apuração ou entrevista. É por isso que vou manter o seu nome sob sigilo. Essa jovem senhora de rosto cansado e mãos calejadas disse que há diversos movimentos reivindicando ao poder público o apoio na inclusão dos trabalhadores no grupo de atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, propriedade da Samarco, em 2015. Eles também querem o reconhecimento do garimpo como atividade cultural do distrito. Ela disse também que a mineradora nunca estabeleceu um diálogo com comunidade que é obrigada a conviver com a poeira provocada pelo processo de descaracterização da Barragem de Doutor.

Se uma coisa que essa gente que “ri quan-

do deve chorar e não vive, apenas aguenta” nos ensina é que Antônio Pereira está à margem de um governo que tenta mascarar um grande problema por meio de decretos que não passam de meros paliativos para a comunidade, coisas para “inglês ver”.

Antônio Pereira clama por mais atenção da Prefeitura, por mais respeito por parte da Vale, por mais sonhos e menos poeira. Antônio Pereira quer ser reconhecido como filho legítimo de Ouro Preto e não como um local a ser constantemente explorado, com gente chegando diariamente dos quatro cantos do país para passar uma temporada no distrito. A onda vermelha é pertinente nesse momento? Isso é inegável, mas há que se considerar também uma tragédia anunciada, uma tragédia que vem se repetindo cada vez mais frequentemente em Minas Gerais: essa onda marrom e grotesca que arrasta sonhos, vivências, passados, futuros, como aconteceu há cinco anos na vizinha Mariana e há quase três anos em Brumadinho. Não gostaria de acompanhar nova-

mente esse tipo de acontecimento. É algo que marca e nos faz repensar qual o sentido de nossa presença por aqui...

# 14. Paraísos artificiais

Talvez você não se lembre, mas há alguns meses eu havia prometido a mim mesmo que seria corajoso e não tomaria mais nenhum calmante. Naquela época, eu estava frequentando um grupo de Gnoses, aprendendo técnicas de meditação, acendendo incensos de paz, velas para Iemanjá, Jesus, Buda, bebericando chá verde o tempo todo e sem dar a mínima para as tragédias nos jornais. Foi como se eu tivesse matado de vez a Janis Joplin que habita dentro em mim e passado a encarnar a Madre Teresa de Calcutá, ou quem sabe algum tipo de Dalai Lama dos trópicos.

Você riu da minha decisão de não mais apelar para as tarjas pretas, assim como faz todas as vezes em que estou envolvido em alguma tragicomédia pequeno burguesa. Sim, isso sempre acontece quando anuncio um novo projeto, programa ou plano em minha vida. Com a sua ironia que corta fina feito gilete você insiste em me jogar na cara que nunca termino o que me proponho a começar, seja uma aula de francês ou um simples

roteiro de ginástica. A mim só resta justificar que essa inconstância é culpa do meu sol em Sagitário e da minha Lua em Peixes, o que para alguém que não acredita em Astrologia é um álibi, no mínimo, patético.

Mas eis que em março do ano passado surgiu esse maldito vírus. Ah, como as coisas podem desmoronar de uma hora para outra... A sensação foi a de ter passado horas, dias, meses, anos construindo algo sólido: um nome, uma casa, um emprego, relacionamentos, um novo estilo de vida e acreditando que estaria seguro sobre esse piso. Mas, de repente, escorreguei para fora dele. Na verdade, essa tentativa de prolongar o piso a fim de garantir a segurança do meu chão não passou de uma grande piada. A maior de todas. A Grande Piada Cósmica envida a mim por Deus ou pela Deusa, como preferir, se é que você algum dia encontrou tempo para pensar sobre esse tipo de dualidade.

De repente, de nada me valiam os cristais energéticos, os colares e pulseiras de âmbar,

os vasos adornados com arruda e guiné, os mantras repetidos roboticamente, o Livro das Mutações, a Doutrina de Buda. Longe dos amigos, do futebol com churrasco e cerveja no fim do expediente, das braçadas nas largas piscinas do Minas Tênis Clube aos domingos, dos moços com suas fortes pernas de fora na Savassi, a minha vida de repente se tornou um breu.

De uma hora para outra não havia mais as picuinhas entre um café e outro no intervalo do trabalho, as fofocas no almoxarifado ou salgadinhos para comemorar o funcionário do mês. Era apenas eu, uma janela de onde religiosamente às seis da manhã eu passaria a assistir o sol nascer quadrado e o pobre do gato que, assim como eu, parecia temer o vírus mais que tudo nesse mundo.

Sozinho como nunca, eu surfava pelos infinitos canais da TV a cabo, mas em todos eram noticiados apenas dados e estatísticas sobre o inimigo invisível. As pessoas viraram números. Cinquenta mil. Depois duzentos. Quatrocentos. Mais de meio milhão

de mortos. Aos poucos meus olhos foram tomados por profundas olheiras escuras. Os meus amigos, até mesmo os mais chegados já não respondiam às minhas mensagens no WhatsApp. O pânico se apossou de mim de tal forma que eu já temia até mesmo ir à cozinha na madrugada pegar um copo de água. Perdi uns cinco quilos, mas me tornava cada vez mais inchado pelo estoque de alimentos ultraprocessados. E nem podia reclamar, muita gente sequer tinha comida no prato, quanto mais um fast food esquentado no micro-ondas.

Assim como você, todos que tinham uma certa importância na minha vida até então, ou que pelo menos eu imaginava que tivesse, sumiram. Eu passei a me sentir assim meio como um ingresso de um espetáculo que já passou. Não servia para mais nada. Só mesmo a minha produção no home office parecia valer alguma coisa. Produção essa que cada vez mais deixava a desejar. Deixei de regar as plantas da sacada, criei barriga, rugas profundas apareceram de repente em

minha testa, deixei de cantar no chuveiro, perdi o emprego.

Quando eu já estava na fase de medir a altura da janela do apartamento até o chão a fim de me assegurar se eu realmente morreria ou apenas passaria vergonha (eu sei que aqui você vai rir da minha dramaticidade latina), me lembrei do Doutor Pimenta. Sobretudo, me lembrei do quanto ele é a encarnação de todas as possibilidades dos paraísos artificiais: pílulas para dormir, pílulas para sorrir, remédios para esquecer, comprimidos para lembrar...

Quarenta minutos de consulta, olhares por cima dos óculos, uma falsa escuta atenta e lá estava eu com as minhas tão preciosas receitinhas azuis. Clonazepam, Risperidona, Cloridrato de Clomipramina, Oxalato de Escitalopram. Um para não surtar, outro para estabilizar o humor, aquele para relaxar, quem sabe um para ficar mais ligado.

Após semanas de fobia, ansiedade e esgotamento, sem horário marcado para o café, o almoço ou o jantar, como diria minha fa-

lecida avó, acordei pedindo ao mundo que acabasse sem barulho. E se ele acabasse que fosse em barrancos para que pudesse morrer encostado. Ouvi todos os discos que eu gosto e acompanhei, mesmo com a voz pastosa. Bebi champanhe importada em tulipa de cristal, comi caviar e camarão sem culpa alguma e até dancei com vontade, batendo forte o calcanhar no lustroso piso de tacos. De repente, o mundo ficou cor-de-rosa novamente e eu voltei a sorrir. Pouco me importava que essa felicidade era apenas um novo processo químico gerado pelos remédios nas sinapses do meu cérebro. Para completar a minha felicidade, o vizinho de baixo sequer reclamou do barulho. Há três dias está completamente silencioso...

## **Sobre o autor**

João Paulo da Silva é publicitário, formado pela Fundação Universidade do Vale do Itajaí (Univali), e estudante de jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Nascido em 1982, em Boa Esperança, sul de Minas Gerais, atualmente vive em Mariana, na Região Central do estado. Este é o seu primeiro livro publicado.



“O livro que você tem pela frente é resultado de muitos atravessamentos, de muita angústia, de muitas tentativas, de muitas desistências, de muitos silenciamentos, mas é, sobretudo, resultado de intensa verve criativa de seu autor. Espero, sinceramente, que seja o primeiro de muitos outros.”

*Marta Maia (trecho do prefácio)*